



Práticas interprofissionais na formação em serviço e mudanças na perspectiva da centralidade do usuário

Interprofessional practices in in-service training and changes from a user-centered perspective

Prácticas interprofesionales en la formación continua y cambios desde una perspectiva centrada en el usuario

Luana Pinho de Mesquita Lago , Laiz Frota Ursulino Cerbino , Júlia Bezerra Xavier , Soraya Fernandes Mestriner 

RESUMO

Objetivos: Este artigo tem o objetivo de analisar a formação interprofissional de graduandos em Odontologia durante os estágios obrigatórios na Atenção Primária à Saúde (APS). **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal de abordagem qualitativa realizado no período de 2021 a 2022. Foram convidados a participar da pesquisa estudantes de graduação de Odontologia que vivenciaram atividades curriculares junto a equipes da Estratégia de Saúde da Família durante o enfrentamento da covid-19, de 2020 a 2022. Foram realizadas entrevistas em ambiente virtual, gravadas e transcritas, com uso de roteiro semiestruturado. Os dados foram analisados com base no referencial teórico da Educação Interprofissional e na Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. **Resultados:** Os resultados foram divididos em 2 temas: Vivências de trabalho interprofissional e Entendimento sobre atributos da interprofissionalidade. No tema 1 destaca-se a importância da imersão na realidade dos serviços de saúde na APS para a apropriação sobre o funcionamento dos serviços de saúde e da equipe e sua atuação em diferentes abordagens e ferramentas do trabalho interprofissional e no tema 2 observa-se que os estágios nos serviços de saúde permitem aos estudantes a apreensão do objetivo comum da equipe que é o cuidado à pessoa para garantia da integralidade do cuidado, além do reconhecimento de competências colaborativas para o trabalho em equipe. **Conclusões:** A partir da valorização de espaços curriculares de imersão em cenários de prática no Sistema Único de Saúde (SUS), como nos estágios obrigatórios em análise, o estudante se aproxima de competências para o trabalho em equipe interprofissional com destaque para a comunicação interprofissional visando alcançar objetivos comuns com foco no cuidado ampliado em saúde e pode exercitar o trabalho em equipe e a integração com outras áreas da saúde, tecendo aprendizagens significativas acerca dos atributos da interprofissionalidade e diferentes papéis profissionais.

Palavras-chave: Educação interprofissional, Serviços de saúde, Estudantes de odontologia, Atenção Primária à Saúde

ABSTRACT

Objectives: This article aims to analyze the interprofessional training of undergraduate dental students during their mandatory internships in Primary Health Care. **Methods:** This is a cross-sectional study with a qualitative approach carried out between 2021 and 2022. Those invited to participate in the research were Dentistry undergraduates who experienced curricular activities with Family Health Strategy teams during the covid-19 from 2020 to 2022. Interviews were conducted in a virtual environment, recorded and transcribed using a semi-structured script. The data

¹Universidade de São Paulo, Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, (SP), Brasil.

was analyzed based on the theoretical framework of Interprofessional Education and the National Policy for Permanent Education in Health. Results: The results were divided into 2 themes: experiences of interprofessional work and understanding of the attributes of interprofessionality. Theme 1 highlights the importance of immersion in the reality of PHC health services in order to gain an understanding of how health services and teams work and their role in different approaches and tools for interprofessional work. Theme 2 shows that internships in health services enable students to grasp the team's common goal, which is to care for people in order to guarantee comprehensive care, as well as recognizing collaborative skills for teamwork. Conclusion: By making the most of curricular spaces for immersion in practice scenarios in the Unified Health System (SUS), such as the compulsory internships under analysis, students can get closer to skills for interprofessional teamwork, especially interprofessional communication aimed at common goals focused on expanded health care, and can exercise teamwork and integration with other areas of health, weaving significant learning about the attributes of interprofessionality and different professional roles.

Keywords: Interprofessional education, Health services, Dental students, Primary Health Care.

RESUMEN

Objetivos: El objetivo de este artículo es analizar la formación interprofesional de los estudiantes de odontología de pregrado durante sus prácticas obligatorias en Atención Primaria de Salud. **Métodos:** Se trata de un estudio transversal con enfoque cualitativo realizado entre 2021 y 2022. Se invitó a participar en la investigación a estudiantes de pregrado de Odontología que experimentaron actividades curriculares con equipos de la Estrategia de Salud Familiar durante la lucha contra el covid-19 entre 2020 y 2022. Las entrevistas se realizaron en un entorno virtual, se grabaron y se transcribieron utilizando un guión semiestructurado. Los datos fueron analizados con base en el marco teórico de la Educación Interprofesional y en la Política Nacional de Educación Permanente en Salud. **Resultados:** Los resultados se dividieron en 2 temas: experiencias de trabajo interprofesional y comprensión de los atributos de la interprofesionalidad. El Tema 1 destaca la importancia de la inmersión en la realidad de los servicios de salud de APS para comprender el funcionamiento de los servicios y equipos de salud y su papel en los diferentes abordajes y herramientas de trabajo interprofesional. El Tema 2 muestra que las prácticas en los servicios de salud permiten a los estudiantes comprender el objetivo común del equipo de cuidar a las personas para garantizar la atención integral, así como reconocer las habilidades colaborativas para el trabajo en equipo. **Conclusiones:** Aprovechando los espacios curriculares de inmersión en escenarios de práctica en el Sistema Único de Salud (SUS), como las pasantías obligatorias aquí analizadas, los estudiantes pueden aproximarse de las competencias de trabajo en equipo interprofesional, especialmente de la comunicación interprofesional orientada al logro de objetivos comunes con foco en la atención integral de la salud, y pueden ejercitar el trabajo en equipo y la integración con otras áreas de la salud, tejiendo aprendizajes significativos sobre los atributos de la interprofesionalidad y los diferentes roles profesionales.

Palabras clave: Educación interprofesional, Servicios de salud, Estudiantes de odontología, Atención Primaria de Salud.

INTRODUÇÃO

A aposta na melhoria da qualidade da atenção à saúde, com base em um modelo centrado no usuário e de vivência dos serviços de saúde, é coerente com as

mudanças propostas nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação¹, principal direcionamento para as organizações curriculares das Instituições de Ensino Superior (IES). A formação desde a graduação para o trabalho em equipe na

perspectiva da interprofissionalidade tem sido recomendada a nível mundial pela Organização Mundial de Saúde (OMS)² e, regionalmente nas Américas pela Organização Pan Americana de Saúde (OPAS)³, através da Rede Regional de Educação Interprofissional das Américas, com foco na colaboração e no desenvolvimento de competências interprofissionais^{4,5}.

Em 2010, a OMS lançou um documento definindo a Educação Interprofissional como: “quando estudantes de duas ou mais profissões aprendem sobre o outro (*about*), com o outro e entre si (*from and with*) para permitir uma colaboração eficaz e melhorar os resultados de saúde”² (p. 13). Um importante direcionamento no cuidado em saúde a partir de então são as práticas interprofissionais colaborativas (PIC), ou seja, quando profissionais de diferentes áreas de saúde trabalham juntos com pacientes, famílias e cuidadores para alcance de um cuidado de qualidade². Esta iniciativa da OMS teve como objetivo incentivar os profissionais a uma postura de cuidado centrado no usuário utilizando como ferramenta o trabalho interprofissional. Eles definiram a interprofissionalidade como um processo que exige uma mudança de paradigma ao incluir a participação do usuário em seu cuidado.

A interprofissionalidade refere-se, portanto, a práticas que envolvem diferentes profissionais com foco nas necessidades dos usuários, com compromisso com a resolubilidade e a integralidade do cuidado mas que está em constante contradição com a lógica da profissionalização, que privilegia a especificidade de cada área e o corporativismo⁶. Nesse sentido, no Brasil, a formação em saúde no Sistema Único de Saúde (SUS) tem como proposta indutora a integração ensino-serviço, com base nas

orientações para a gestão da educação na saúde estabelecidas na Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS)⁷.

Acredita-se que um dos cenários de prática potenciais para a formação em serviço e aproximação ao trabalho em equipe encontra-se no contato com equipes da Atenção Primária à Saúde (APS), porta de entrada do SUS e ordenadora das redes de atenção à saúde. A vivência do trabalho em equipe ocorre durante imersões junto a equipes de Estratégia Saúde da Família (ESF) na qual o modelo de atenção à saúde se constrói no cotidiano dos serviços, e o processo de trabalho caracteriza-se como contingente pois muda a depender das necessidades da população da área de abrangência⁸, seja pelo aumento da expectativa de vida, envelhecimento da população, ou pelas mudanças no perfil epidemiológico.

Em estudo de revisão sistemática que objetivou avaliar o impacto de intervenções com base na colaboração interprofissional nos serviços de saúde, Reeves et al⁹ destacam as dificuldades que os profissionais de saúde enfrentam para implementar a prática interprofissional colaborativa no cotidiano do trabalho. Além disso, no contexto da formação em serviço, é importante investigar o papel da Educação e do Trabalho Interprofissional na melhoria da colaboração interprofissional e a qualidade do cuidado na APS. Na formação em Odontologia, estudo que buscou avaliar a disposição de estudantes de Odontologia para o aprendizado interprofissional verificou que há experiências curriculares pontuais de EIP na graduação em Odontologia, especialmente em atividades eletivas e estágios curriculares. Para que o estudante esteja apto a desenvolver competências colabo-

rativas para o trabalho interprofissional em saúde, são necessárias experiências de EIP ao longo da formação do graduando¹⁰.

O trabalho em equipe e as práticas colaborativas são estratégias que contribuem para a melhoria da qualidade e do acesso à saúde, além de promoverem o cuidado integral¹¹. E tem como característica a comunicação mais efetiva entre os profissionais que constituem, tomada de decisão compartilhada, definição de objetivos comuns, reconhecimento do papel e trabalho dos demais membros, da autonomia dos profissionais e a horizontalidade das relações de trabalho^{4,12}. Nesse sentido, as práticas colaborativas são descritas como elementos da colaboração interprofissional em um nível mais profundo de trabalhar juntos com intensa independências das ações e nas quais há resistências que precisam ser analisadas^{13,14} em que ocorre o compartilhamento de saberes, decisões, informações, intervenções, além de empoderamento de cada profissional e o respeito e reconhecimento um pelo outro, em busca de objetivos comuns⁸. Este artigo tem por objetivo analisar a formação interprofissional de graduandos de odontologia durante os estágios obrigatórios na atenção primária à saúde.

MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, descritiva e transversal com estudantes de um curso de graduação de Odontologia, que participaram de estágios curriculares obrigatórios na APS na ESF, vivenciando atividades junto às equipes de saúde durante o enfrentamento da Covid-19 no período de 2020 a 2022. A formação em saúde na APS no município de Ribeirão Preto envolve ativida-

des práticas de estudantes de graduação de cursos em saúde em imersões na realidade dos serviços de saúde, atividades estas previstas no projeto pedagógico de um curso de graduação em Odontologia. Nos estágios curriculares obrigatórios, os estudantes de Odontologia vivenciam o cotidiano das equipes de saúde, participando de reuniões administrativas, discussões com as famílias, reuniões de grupo com usuários, visitas domiciliares, consultas odontológicas, tratamentos odontológico, além de eventos e programas comunitários.

Setenta e quatro graduandos de Odontologia foram convidados a participar da pesquisa, dos quais 16 aceitaram ser entrevistados. O convite foi enviado por e-mail, com acesso a um formulário Google contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram realizadas entrevistas online (via Google Meet) e presenciais, com apoio de roteiro semi-estruturado, em dia, horário e local pactuados, durante o período de junho de 2021 a junho de 2022. As entrevistas foram gravadas e transcritas¹⁵ e tiveram duração de, em média, 20 minutos. Os dados das entrevistas foram organizados em planilhas (Microsoft Office Excel) e os nomes dos participantes foram codificados com a letra E, de uma sequência de 1 a 16 (E1 a E16) para posterior análise por meio da Técnica de Análise de Conteúdo Temática que consistiu de leitura flutuante, apropriação do conteúdo, formulação de hipóteses, pré-análise e interpretação de dados com categorização temática^{16,17}.

Como parte do constructo analítico, foi utilizado o referencial da Educação e Trabalho Interprofissional a partir das recomendações da OMS² e com base nas diretrizes da Política de Educação Permanente em Saúde (PNEPS)⁷.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, sob parecer nº 4.288.982, de acordo com a Resolução nº 466/12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS

Os resultados foram divididos em dois temas: 1- Vivências de trabalho interprofissional, 2- Entendimento sobre atributos da interprofissionalidade. No tema 1 destaca-se a importância da imersão na realidade dos serviços de saúde na APS para a apropriação sobre o funcionamento dos serviços de saúde e da equipe e sua atuação em diferentes abordagens e ferramentas do trabalho interprofissional como: reuniões de discussão de caso para a integração interprofissional, o foco da equipe na integralidade do cuidado, benefícios do trabalho interprofissional para os usuários do sistema de saúde, competências interprofissionais como a comunicação interprofissional, e as relações interprofissionais.

Nessa vivência, o estudante aprende de forma significativa sobre a dinâmica que

envolve os papéis de cada área e sobre a importância da comunicação interprofissional, do diálogo e da educação permanente em saúde, uma vez que os profissionais aprendem uns com os outros no cotidiano dos serviços, construindo um trabalho compartilhado e um cuidado ampliado em saúde.

No tema 2, observa-se que os estágios nos serviços de saúde permitem aos estudantes a apreensão do objetivo comum da equipe que é o cuidado à pessoa garantindo a integralidade do cuidado, demonstra-se o aprendizado sobre a necessidade de discussão de caso, a divisão de tarefas, o trabalho em conjunto/integrado, e entende-se a importância do cuidado ampliado, de conhecer a história de vida, de criar e fortalecer o vínculo e de compartilhar o cuidado com outros profissionais. O processo ensino-aprendizagem envolve, ainda, o conhecimento dos diferentes papéis profissionais e compreender que, portanto, esses profissionais devem se comunicar de forma clara para trabalharem juntos, entendendo, assim, como as profissões se relacionam na articulação para o cuidado ao usuário.

Quadro 1 - Fragmentos divididos por temas

1- Vivências de trabalho interprofissional

E3- “como eu posso dizer... o atendimento dos pacientes é assim literalmente multiprofissional uma coisa integral porque igual teve nas reuniões de caso também... não envolve só a fono (Fonoaudiologia)... não envolve só o médico... muitas vezes envolve o dentista na maioria das vezes... então nas reuniões de caso foi legal ver assim como que é importante essa assistência no geral de todos os profissionais da saúde... não isolado”

E1- “essa interrelação eu acho assim sensacional... porque é uma visão... o que o usuário recebe é como se fosse uma fonte única só que ela já vem unida... então o psicólogo que conversa com a médica conversa com o TO (Terapeuta Ocupacional) que conversa com o dentista... eles podem juntos chegar a um consenso [...] por exemplo teve um atendimento psicológico que o remédio que ela tomava ela parou de tomar porque ela sentia a boca seca... e ela já tinha tentado outros medicamentos que não tinham dado certo aquele seria melhor só que a boca seca incomodou muito... isso associado com o dentista.. aplica a saliva artificial e resolve problema psicológico e odontológico...”

E6- “mas eu acho que eu tinha esse pensamento de que o::... pessoal da medicina... que regia ali o que eles falavam eu pensava... que ia ser a palavra final... mas no fim das contas eu achei que depois vendo as reuniões... do grupo que eram nas sextas e nas segundas também... porque tínhamos reuniões de casos de famílias e as administrativas... aí eu achei que... não (que nenhuma área se sobressaía sobre as outras)... que todo mundo opinava sobre tudo... e todos tinham uma visão diferente de cada caso ou de cada pauta que estava sendo colocada... e que a voz de todo mundo independente da área era válida... então... acho que meio que desconstruiu uma:: imagem que eu tinha”

E10- “era só procurar eles que eles me explicavam... é se eu tinha alguma dúvida de medicamento a farmacêutica estava ali do lado... eu pude acompanhar um pouco a nutricionista também... o trabalho da nutricionista e entender como a odonto (Odontologia) estava ali no meio ajudando a nutrição... então principalmente (na unidade de atenção primária) a gente consegue ter... esse contato com outros profissionais... consegue trabalhar com outros profissionais... a gente percebe também que não tem como um profissional trabalhar sozinho”

E8- “e uma coisa assim que eu achei interessante... é porque a gente está participando das consultas médicas... então eu estou vendo a importância da comunicação com o paciente porque a gente que é dentista muitas vezes chega um paciente na cadeira pergunta qual é a queixa [] lá eles conversam então assim eu tenho mania de ser muito ansiosa assim de conversar de fazer as coisas bem rápida... e lá (nos estágios) eu estou percebendo o tanto que é importante você ter calma ter um diálogo com o paciente... ter esse vínculo”

2- Entendimento sobre atributos da interprofissionalidade

E7- “... a relação interprofissional é muito importante... porque a partir dela você consegue descobrir coisas que... muitas vezes você não consegue a partir do seu ambiente... [] quando você trabalha em uma equipe... como a da unidade de atenção primária à saúde... você literalmente tem muito mais chance de conseguir agregar mais nesse tratamento... porque aí você consegue tratar de modo integral...”

E10- “cada um está ali para colocar o que sabe... o que a sua profissão vai trazer de bom... é:: só que você também está ali para ouvir... o que as outras profissões vão poder fazer para aquele paciente vocês tem que achar um meio de as 2 trabalharem juntas... não existe eu faço isso e você faz aquilo...a gente vai fazer junto...”

E13- “...as profissões se intercalam e andam em conjunto lado a lado... os profissionais atuam... de modo a proporcionar uma... qualidade melhor nesse jeito... e eles trabalham em conjunto visando o melhor à saúde do paciente por completo... conseguindo integrar todas as áreas e buscando um diagnóstico uma terapia o que precisar... com todas as visões de todas as áreas... porque a odontologia olha de um jeito a fisioterapia olha de um jeito a medicina olha de um jeito... e nessa integralidade a gente consegue interprofissionalidade...”

E14- “e eu acho que essa integração... é isso não é você ser a especialidade pronta... é a turma toda a pensar em comum agir comum... e olhar em comum para esse paciente [...] eles focam bastante em... tentar solucionar o problema do paciente foi o que eu vivenciei então eu acho que foi legal a relação interprofissional...”

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo corroboraram a literatura existente sobre a importância das práticas interprofissionais durante a formação em saúde. A colaboração entre profissionais de diferentes áreas promove uma compreensão mais abrangente dos problemas de saúde dos pacientes e permite uma abordagem integral às necessidades dos usuários. Pesquisas indicam que os estudantes desenvolvem essa “ação colaborativa” por meio da integração de cuidados, ao aprender a compartilhar e reconhecer inicialmente as competências comuns e específicas e, de forma processual e crescente, ao longo da interação, começam a desenvolver as competências interprofissionais, que devem ser parte de negociação a partir do entendimento dos limites interprofissionais¹⁸.

Processos de mudança na formação de estudantes de graduação podem ser desencadeados quando estimula-se que os estudantes imersos em cenários de prática vivenciem ferramentas de cuidado em saúde junto às equipes, como a clínica ampliada, o trabalho em equipe multiprofissional e rearranjos integrados e interdependentes considerados interprofissionais^{8,11}. No ano de 2021, as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Odontologia foram homologadas direcionando a formação do cirurgião-dentista no SUS com reconhecimento da importância do entendimento de seus princípios diretores e do exercício do trabalho em equipe interprofissional¹. Assim, o processo ensino-aprendizagem além de ocorrer de forma articulada com os princípios e diretrizes do SUS deve promover a socialização interprofissional, ou seja, o estudante de graduação tem a oportuni-

de de aprender colaborativamente junto às equipes e desenvolver valores, comportamentos e compromissos interprofissionais.

Observa-se pelas falas dos estudantes entrevistados que a formação nos cenários de prática na atenção primária à saúde possibilita o exercício desta prática interprofissional pela vivência de espaços e ferramentas de trabalho em equipe como as reuniões para discussão de caso, as visitas e atendimentos compartilhados e o matriciamento de acordo com as necessidades de saúde dos usuários. O modelo de atenção proposto pelo SUS prevê a interprofissionalidade e deve ser centrado no reconhecimento dessas necessidades e na tomada de decisão compartilhada entre os envolvidos e exige a formação de profissionais de saúde capazes de trabalhar em equipe de forma colaborativa, ou seja, com participação e foco nos usuários¹⁹. Assim, o estudante compreende aspectos importantes da colaboração interprofissional exercitando uma prática flexível que requer responsabilidade compartilhada, interdependência entre os profissionais, clareza de papéis e objetivos e cuidado centrado no usuário²⁰.

A participação de estudantes nas reuniões de equipe, onde são discutidos casos de famílias cadastradas, aproximamos do entendimento do espaço coletivo de decisões compartilhadas, sendo citado como facilitador para o desenvolvimento do trabalho interprofissional. Essas reuniões, sejam para planejamento ou para discussão de casos, são estratégias fundamentais para promover a participação dos profissionais, a fim de discutir demandas trazidas e observadas na população. Elas são importantes dispositivos para resolução de conflito, tomadas de decisão, repasse de informação e estruturação de

serviço^{21,22}. Além disso, são momentos em que os profissionais em diálogo uns com os outros podem tomar decisões mais resolutivas às necessidades de saúde, ao desenvolver o processo saúde-cuidado centrado na pessoa que está sendo cuidada, e ao reconhecer os desafios da comunicação interprofissional, o que faz as reuniões terem grande potencial para o desenvolvimento das práticas colaborativas interprofissionais²³.

Outro estudante, E8, destaca o vínculo com o paciente como aprendizado dessa imersão na APS que promove uma mudança de foco no cuidado, da doença para a necessidade de saúde dos usuários, dentro da prática colaborativa interprofissional centrada no usuário. Prado et al²⁴ investigaram as competências colaborativas centrais para o trabalho em saúde em equipes da APS: comunicação interprofissional e atenção centrada na pessoa, e identificaram que esta última geralmente é fragilizada. Para as autoras, o usuário compartilha muito pouco do processo de construção de seu plano de cuidado, no entanto, a transferência de responsabilidade de seus cuidados aos profissionais de saúde, dessa forma, o profissional toma a centralidade enquanto o usuário fica à margem²⁴. Entre as recomendações, as práticas de EIP foram fortemente incentivadas por meio de uma aprendizagem compartilhada de competências colaborativas entre os profissionais, com envolvimento das pessoas atendidas¹¹.

Os resultados dessa pesquisa mostram um movimento crítico-reflexivo em relação à prática de um “agir comum” denotada pela fala de E14, em que os estudantes se colocam em uma postura de colaboração em relação ao paciente, e à sua equipe, se aproximando de um dos atribu-

tos da interprofissionalidade que é ter objetivos comuns e que a prática seja orientada para o cuidado das pessoas, família e comunidade. Contudo, a literatura destaca que o usuário muitas vezes fica à margem dos processos de cuidado. Para Barbosa et al.²⁵, o usuário não é incluído na construção e na implementação do plano de cuidados à saúde, uma vez que o objetivo da prática é o modelo biomédico que privilegia o atendimento individual com trocas e diálogos entre os profissionais, excluindo os usuários.

O entendimento dos atributos da interprofissionalidade ressaltados pelos participantes desta pesquisa mostra a importância de valorizar os estágios obrigatórios em cenários de prática do SUS, uma vez que eles possibilitam a aproximação às competências colaborativas para o trabalho em equipe. E mais ainda, a formação em serviço na APS pautado na EIP busca o enfrentamento da fragmentação de práticas e a construção do trabalho em rede, intersetoriais e com a comunidade, o que requer a apropriação de competências interprofissionais²⁶. Para tanto deve-se levar em conta as dimensões do país e as diversidades regionais e locais, e a construção do SUS em cada território, e em cada equipe de saúde. Nesta perspectiva, o centro do cuidado é ocupado pela pessoa e pela comunidade, em uma concepção de saúde ampliada que considera maior autonomia do sujeito¹².

Silva et al.²⁷, em pesquisa sobre as práticas de EIP na AB, explicam que, além da tomada de decisão compartilhada sobre as necessidades de saúde, a prática interprofissional colaborativa centrada no usuário impulsiona a mudança no modelo de atenção e na formação dos profissionais de saúde

numa perspectiva de integralidade e de comunicação interprofissional. Nesse sentido, a vivência de práticas de trabalho em equipe poderá contribuir na formação de estudantes de graduação e pós-graduação na perspectiva da clínica ampliada. No entanto, alguns desafios para o trabalho colaborativo permanecem, principalmente devido a prevalência da educação uniprofissional. Os profissionais chegam aos cenários de trabalho pouco preparados para a colaboração e para estabelecer relações interprofissionais, além de haver pouco apoio institucional e político para que mudanças se concretizem²⁸.

A Prática Colaborativa Interprofissional a partir do desenvolvimento destas competências é reconhecida nos serviços de saúde e deve ser base para a organização dos serviços, permite a problematização da realidade e a integração das ações de saúde. Para Peduzzi et al.¹⁹, este movimento, tende a aumentar a resolubilidade dos serviços e a qualidade da atenção à saúde por uma série de razões, porque busca evitar omissões ou duplicações de cuidados, o tempo de espera, os adiamentos desnecessários. Todas estas ações articuladas pretendem ampliar e melhorar a comunicação entre os profissionais, bem como o reconhecimento das especificidades e a negociação e o borramento de fronteiras entre os profissionais de saúde a fim de exercitar a flexibilização dos papéis profissionais e centralidade do cuidado no usuário. Investigar a EIP em cenários de prática durante o curso de graduação é importante para estabelecer os critérios utilizados pelos atores, reconhecer as práticas em curso e estimular o enfrentamento dos desafios apontados nos diferentes serviços de saúde no SUS²⁸.

CONCLUSÃO

A Educação Interprofissional e o trabalho colaborativo em saúde emergem como orientadores para enfrentar os desafios atuais na oferta de serviços de saúde mais efetivos. A integração de práticas institucionais e educativas inovadoras, como a EIP, promove não apenas o desenvolvimento de competências colaborativas entre os futuros profissionais de saúde, mas também reorienta o foco do cuidado para as necessidades reais dos usuários. Ao adotar uma abordagem centrada no paciente e na colaboração interprofissional, as práticas colaborativas demonstram um potencial significativo para a melhoria da qualidade e do acesso aos serviços de saúde, além de contribuir para uma formação com foco na clínica ampliada dos profissionais de saúde.

Por meio de investimentos em propostas curriculares que promovam a colaboração interprofissional, é possível avançar na implementação de uma abordagem interprofissional em saúde, com foco no cuidado integral e centrado nas pessoas, suas famílias e comunidades. A valorização de espaços curriculares de imersão em cenários de prática no SUS, como nos estágios obrigatórios em análise, aproxima os estudantes de competências para o trabalho em equipe interprofissional com destaque para a comunicação interprofissional visando objetivos comuns com foco no cuidado ampliado em saúde.

Nesses cenários, as características da APS são ressignificadas uma vez que o estudante acompanha o trabalho de uma equipe multiprofissional e é capaz de aprender e desenvolver uma visão mais ampliada sobre a importância do cuidado integral ao paciente, considerando-o um

ser com necessidades e contextos socioeconômicos. Além disso, o estudante tem a oportunidade de problematizar e refletir criticamente sobre sua formação, muitas vezes tecnicista, e de exercitar o trabalho em equipe e a integração com outras áreas da saúde, tecendo aprendizagens significativas sobre os atributos da interprofissionalidade e os diferentes papéis profissionais. Em suma, os resultados deste estudo reforçam a importância da formação interprofissional durante a graduação para promover mudanças de práticas centradas no usuário, bem como a necessidade de investir na criação de ambientes interprofissionais além dos estágios obrigatórios para preparar os futuros profissionais para os desafios e demandas cada vez mais complexas do SUS.

REFERÊNCIAS

- 1- Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Odontologia e dá outras providências. Resolução n 3, 21 jun. 2021. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. 2021; Sec. 1: 115, p.77. [Acesso em 07 dez. 2021]. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-3-de-21-de-junho-de-2021-32732129>
- 2- Organização Mundial da Saúde. Framework for action on interprofessional education and collaborative practice. Geneva: OMS. [Internet]. 2010 [acesso em 2024 mai 09]. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/framework-for-action-on-interprofessional-education-collaborative-practice>
- 3- Mikael S de SE, Cassiani SHDB, Silva FAM da. The PAHO/WHO Regional Network of Interprofessional Health Education. Rev Latino-Am Enfermagem [Internet]. 2017 [acesso em 2024 mai 09]; 5:e2866. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.0000.2866>
- 4- Orchard C. et al. The Canadian Interprofessional Health Collaborative. A national interprofessional competency framework. Vancouver: CIHC [Internet]. 2010 [acesso em 2024 mai 08]. Disponível em: <https://phabc.org/wp-content/uploads/2015/07/>

- CIHC-National-Interprofessional-Competency-Framework.pdf
- 5-Interprofessional Education Collaborative. Core competencies for interprofessional collaborative practice: 2016 Update. Washington, D.C: Interprofessional Education Collaborative [Internet]. 2016 [acesso em 2024 mai 07]. Disponível em: https://www.ipecollaborative.org/assets/core-competencies/IPEC_Core_Competencies_Version_3_2023.pdf
- 6- Ellery AEL, Pontes RJS, Loiola FA. Campo comum de atuação dos profissionais da Estratégia Saúde da Família no Brasil: um cenário em construção. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* (Rio de Janeiro) [Internet]. 2013 [acesso em 2024 mai 08]; 23(2):415–37. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312013000200006>
- 7- Brasil. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde: o que se tem produzido para o seu fortalecimento? . Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde – Brasília, DF, 2018 [acesso em 2024 mai 07]. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_educacao_permanente_saude_fortalecimento.pdf
- 8-Peduzzi M, Agreli HLF, Silva JAM, Souza HS. Trabalho em equipe: uma revisita ao conceito e a seus desdobramentos no trabalho interprofissional. *Trab, Educação e Saúde* [Internet]. 2020 [acesso em 2024 mai 08]; 18:e0024678. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00246>
- 9- Reeves S. et al. Interprofessional collaboration to improve professional practice and healthcare outcomes. *Cochrane Database Syst Rev* [Internet]. 2017 [acesso em 2024 mai 08]; 6(6):CD000072. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/14651858.CD000072.pub3>
- 10-Tompson NN. et al. Educação interprofissional na graduação em Odontologia: experiências curriculares e disponibilidade de estudantes. *Rev. odontol. UNESP, Araraquara* [Internet]. 2018 [acesso em 2024 mai 08]; 18:e0024678. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-2577.08518>.
- 11- Peduzzi M, Agreli HLF. Trabalho em equipe e prática colaborativa na Atenção Primária à Saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* (Botucatu) [Internet]. 2018 [acesso em 2024 mai 07]; 1525–1534. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0827>
- 12- Agreli HF, Peduzzi M, Silva MC. Atenção centrada no paciente na prática interprofissional colaborativa. *Interface* (Botucatu) [Internet] 2016. [acesso em 2024 mar 14]; 20(59):905–16. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000400905-&lng=en&nrm=iso
- 13- D'Amour D, Oandasan I. Interprofessionality as the field of interprofessional practice and interprofessional education: an emerging concept. *J Interprof Care*. 2005 May;19 Suppl 1:8-20. doi: 10.1080/13561820500081604. PMID: 16096142.
- 14-Lago LPM, Dóbies DV, Fortuna CM, L'Abbate S, Silva JAM da, Matumoto S. Resistance to interprofessional collaboration in in-service training in primary health care . *Rev esc enferm USP* [Internet]. 2022 [acesso em 2024 mai 08]; 56:e20210473. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-220X-RE-EUSP-2021-0473en>
- 15- Preti, D. Análises de textos orais.4. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
- 16- Minayo, MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- 17-Dias EG, Mishima SM. Análise temática de dados qualitativos: uma proposta prática para efetivação. *Sustinere* [Internet]. 2023 [acesso em 2024 mai 5]; 11(1):402-11. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/71828>
- 18- Lima AWS. et al . Perception and manifestation of collaborative competencies among undergraduate health students. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* (Ribeirão Preto) [Internet]. 2020 [acesso em 2024 mai 08]; 28:e3240. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.3227.3240>.
- 19-Peduzzi M et al. Educação interprofissional: formação de profissionais de saúde para o trabalho em equipe com foco nos usuários. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2013 [acesso em 2024 mai 08]; 47(4):977–83. Disponível <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420130000400029>.
- 20-Reeves S, Xyrichis A, Zwarenstein M. Teamwork, collaboration, coordination, and networking: Why we need to distinguish between different types of interprofessional practice. *J Interprof Care* [Internet]. 2018 [acesso em 2024 mai 07]; 29:131697. Disponível em: doi: 10.1080/13561820.2017.1400150
- 21-Cardoso CG, Hennington EA. Trabalho em equipe e reuniões multiprofissionais de saúde: uma construção à espera pelos sujeitos da mudança. *Trab educ saúde* [Internet]. 2011 [acesso em 2024 mai 8]; 9:85–112. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000400005>
- 22-Voltolini BC, Andrade SR de, Piccoli T, Pedebos LA, Andrade V. Estratégia Saúde da Família Meetings: An Indispensable tool for local planning. Texto

- contexto - enferm [Internet]. 2019 [acesso em 2024 mai 07]; 28:e20170477. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0477>
- 23-Dahlke S, Hunter KF, Reshef Kalogirou M, Negrin K, Fox M, Wagg A. Perspectives about Interprofessional Collaboration and Patient-Centred Care. *Canadian Journal on Aging / La Revue canadienne du vieillissement* [Internet]. 2020 [acesso em 2024 mai 8]; 39(3):443–55. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/s0714980819000539>
- 24- Prado CLSR, Peduzzi M, Agreli HLF, Rodrigues LB. Comunicação interprofissional e participação do usuário na Estratégia Saúde da Família. *Saude soc* [Internet]. 2023 [acesso em 2024 mai 07]; 32:e220823pt. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023220823pt>
- 25- Barbosa A de S, Teixeira BRF, Oliveira AM, Pessoa TRRF, Vaz EMC, Forte FDS. Interprofissionalidade, formação e trabalho colaborativo no contexto da saúde da família: pesquisa-ação. *Saúde debate* [Internet]. 2022;46:67–79 [acesso em 2024 mai 01]; 46:67–79. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E506>
- 26- Peduzzi, M. Educação interprofissional para o desenvolvimento de competências colaborativas em saúde. In: TOASSI, R. *Interprofissionalidade e formação na saúde : onde estamos?* [recurso eletrônico] / Ramona Fernanda Ceriotti Toassi, organizadora. – 1.ed. – Porto Alegre: Rede UNIDA, 2017.
- 27-Silva, JAM. et al. Interprofessional education and collaborative practice in Primary Health Care. *Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo* [Internet]. 2015 [acesso em 2024 mai 08]; 16–24. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420150000800003>
- 28-Costa MV da. A educação interprofissional no contexto brasileiro: algumas reflexões. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2016 [acesso em 2024 mai 08]; 20(56):197–8. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0311>

Contribuição dos autores:

LPML: contribuiu de forma substancial no esboço do estudo ou na interpretação dos dados, participou na redação da versão preliminar, na revisão e aprovação da versão final, e está em conformidade em ser responsável pela exatidão ou integridade de qualquer parte do estudo.

LFUC: contribuiu de forma substancial na interpretação dos dados, participou na redação da versão preliminar, na revisão e aprovação da versão final, e está em conformidade em ser responsável pela exatidão ou integridade de qualquer parte do estudo.

JBX: contribuiu de forma substancial na interpretação dos dados, participou na redação da versão preliminar, na revisão e aprovação da versão final, e está em conformidade em ser responsável pela exatidão ou integridade de qualquer parte do estudo.

SFM: contribuiu de forma substancial na interpretação dos dados, participou na redação da versão preliminar, na revisão e aprovação da versão final, e está em conformidade em ser responsável pela exatidão ou integridade de qualquer parte do estudo.

Fontes de apoio ou financiamento:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e Pró-reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo por meio de bolsa do Programa Unificado de Bolsas de Estudo para Apoio à Formação de Estudantes de Graduação (PUB-USP).

Autor Correspondente:

Luana Pinho de Mesquita Lago
luanamesquita@usp.br

Recebido: 10/05/2024

Aprovado: 28/08/2024

Editor: Prof. Dr. Paulo Henrique Manso
